

UMA VISITA A BELÉM

C.H.SPURGEON



Uma Visita a Belém

NO. 2915

Sermão pregado na noite de Domingo, 24 de dezembro de 1854

Por Charles Haddon Spurgeon

Na Capela de New Park Street, Southwark, Londres

E publicado na Quinta feira, 22 de dezembro de 1904

Sob o pastoreado de Thomas Spurgeon

“Vamos, pois, até Belém, e vejamos isto que aconteceu, e que o Senhor nos manifestou” Lucas 2:15

Eu gostaria de conduzir sua meditação desta noite, não a Belém, *tal como é agora*, mas a Belém, *tal como foi uma vez*.

Se vocês visitarem o local desta antiga cidade de Judá *tal como se encontra atualmente*, encontrariam pouquíssimas coisas que poderiam edificar seus corações. Aproximadamente há dez quilômetros ao sul de Jerusalém, na ladeira de uma colina, está situada uma aldeia irregular e pequena, que nunca foi notória nem por suas dimensões nem pela riqueza de seus habitantes. O único edifício digno de menção é um convento. Quando se aproximam do lugar, se sua imaginação tivesse lhes pintado um pátio, um estábulo ou um presépio, com a sua chegada, vocês ficariam bastante desiludidos. Tudo o que conseguiriam contemplar seriam ornamentos estridentes, postos com o propósito de apagar, mais do que preservar, o sagrado interesse com o qual um cristão contemplaria o lugar. Poderiam caminhar sobre o piso de mármore de alguma capela e fixar seu olhar nas paredes adornadas com quadros e com as fantásticas estatuetas e outras quinquilharias que são encontradas usualmente nos lugares de adoração pertencentes à igreja de Roma. Dentro de uma pequena gruta, poderiam observar o lugar exato que a superstição atribuiu ao nascimento de nosso Senhor; ali, uma estrela, feita de prata e pedras preciosas, rodeada de lâmpadas de ouro, poderia recordar-lhes – meramente como uma paródia – a simples história dos evangelistas. Na verdade, Belém sempre foi pequena, e, talvez, até seja a mais insignificante entre as famílias de Judá, sendo famosa unicamente pelas suas associações históricas.

Então, amados irmãos, *“vamos, pois, a Belém” tal como ela era*; se for possível, traslademos até nossos próprios dias, a extraordinária história desse *“Menino nascido”*, esse *“Filho dado”*. Imaginem que o evento acontece precisamente agora. Procurarei pintar um quadro com cores vivas, para que vocês percebam, de maneira fresca, a grandiosa verdade e fiquem impressionados, como deve ser, pelos fatos relativos ao nascimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Eu lhes proponho agora que FAÇAMOS UMA VISITA A BELÉM, e vou precisar de cinco acompanhantes que tornem a nossa visita instrutiva; então, primeiro, gostaria de contar com *um ancião judeu*; em seguida, com *um ancião gentio*; logo, com *um pecador convicto*; depois, com *um jovem crente*; e, por último, com *um cristão avançado*. Seus comentários não poderiam deixar de nos agradar e beneficiar. Posteriormente, eu gostaria de levar *uma família inteira* à manjedoura, para que todos contemplem o Divino Infante e ouçam o que cada um tem a dizer a respeito Dele.

I. Então, para começar, EU GOSTARIA DE IR A BELÉM ACOMPANHADO DE UM ANCIÃO JUDEU

Vamos, meu venerável irmão de barba longa. Você é, na verdade, um israelita, pois seu nome é Simeão. Vê o menino *“envolvido por fraldas, deitado em uma manjedoura”*? Sim, o vê; e, subjulgado pelo espetáculo, toma o Menino em seus braços e exclama: *“Agora, Senhor, despedes teu servo em paz, conforme a tua palavra; porque meus olhos viram a salvação”*. “Aqui temos”, - disse este filho fiel de Abraão – “o cumprimento de mil profecias e promessas, a esperança, a expectativa e a felicidade de minha nobre linhagem; aqui está o Antítipo de todos aqueles símbolos místicos e oferendas típicas prescritos nas leis de Moisés. Tu, oh Filho do Altíssimo, és a Semente prometida de Abraão, o Siloh cujo advento pressagiou Jacó, o mais grandioso Filho do grande Davi, e o Rei legítimo de Israel. Nossos profetas anunciaram Sua vinda, na verdade, em cada página profética; nossos bardos competiram entre eles para definir quem cantava Teus louvores com as mais doces estrofes; e agora, oh feliz hora, estes pobres olhos morredidos veem Tua figura encantadora! É suficiente, e mais que suficiente; oh, Deus, não peço viver mais tempo na Terra!” Assim fala o ancião judeu; e, enquanto fala, observo o sorriso embelezado que ilumina cada traço do seu rosto e escuto os profundos tons melodiosos de sua voz trêmula. Enquanto contempla o terno Menino, ouço-o citar as palavras de Isaías: *“Subirá qual renovo diante dele”*; e logo, quando

olha de lado à virgem mãe, descendente da casa real de Davi, volta rapidamente seu olhar ao Menino sem mácula e diz: “*como raiz de terra seca*”.

Adeus, venerável judeu! Sua conversa ressoa docemente em meus ouvidos; que logo amanheça o dia em que todos os seus irmãos retornem a sua pátria, e confessem ali nosso Jesus como seu Messias e Rei!

II. Meu acompanhante seguinte será UM ANCIÃO GENTIO

Se trata de um homem inteligente. Não me façam pergunta alguma quanto a seu credo. Profundamente versado nas obras de Deus na natureza, ele possui uma luz trêmula e tênue que basta para detectar a tenebrosidade moral que lhe cerca, ainda que a verdade do Evangelho não tenha encontrado ainda uma entrada em seu coração. Chamem-no de cético, desde o ponto de vista pagão, se lhe parece conveniente; mas a sua luz não é uma obstinada perversão do coração; é melhor este estado de transição da mente onde as falsas esperanças são rechaçadas, mas não foi ainda abraçada a verdadeira esperança. Este irmão gentio está estacionado em Jerusalém, e caminhamos e conversamos juntos ao dirigir nossos passos até Belém. Ele me disse quão grande é o prazer que sente quando lê as Escrituras judaicas, e como desejou com frequência o amanhecer daquele dia que os videntes da Escritura previram. Agora entramos na casa – uma estrela brilha intensamente no céu e está suspensa sobre o estábulo – contemplamos o Menino, e meu acompanhante exclama em um êxtase: “*Luz para revelação aos gentios!*” “*Formoso Menino da promessa*” – diz – “Seu nascimento será um júbilo para todos os povos! Príncipe da paz, Seu reino será pacífico! Os reis te oferecerão presentes; todas as nações te servirão. Os pobres se alegrarão em Teu advento, pois Tu lhes fará justiça; e os opressores se estremecerão na Tua vinda, pois Teus lábios pronunciarão juízo contra eles.”

Logo ele falou muito docemente das esperanças que tinham florescido na “sala da maternidade”. Parecia como se nessa hora, precisamente, viesse no Menino maravilhoso que estava frente a ele, o cumprimento de muitas promessas antigas em cuja letra já era versado. Era alentador escutar esse gentio citar palavras como estas, tomadas do profeta evangélico: “*Morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará; o bezerro, o leão e a besta doméstica andarão juntos, e um menino os pastoreará*”.

Enquanto me despeço deste amigo, permitam-me que lhes ofereça uma ou duas reflexões próprias. Quando, em Sua ira, Deus ocultou Seu rosto da casa de Jacó, alçou a luz de Sua face sobre os gentios. Quando a terra fecunda se converteu em um deserto, ao mesmo tempo a planície solitária começou a florescer como o horto do Senhor. Moisés havia antecipado estes dois eventos e os profetas inspirados haviam previsto tanto um como o outro. O coração endurecido do povo judeu, a cegueira de seus olhos e a dureza de seus ouvidos, não são mais surpreendentes, como um exato cumprimento do juízo divino, que a extrema suscetibilidade da mente gentia para receber a evidência da condição de Messias de nosso Senhor, e abraçar Seu Evangelho.

Assim havia dito Jeová mil e quinhentos anos antes: *“Eu também os moverei a zelos com um povo que não é povo, os provocarei a ira com uma nação insensata”*. Não se assombrem, então, mas admirem as crises da história quando Paulo e Barnabé foram enviados para dizer aos judeus que negavam o Evangelho: *“Eis aqui, nos voltamos aos gentios”*.

Eu consultei o mapa e olhei, com intensa emoção, a rota que Paulo e Barnabé tomaram em sua primeira viagem missionária. Antioquia, a cidade da qual partiram, está situada diretamente ao norte de Jerusalém, e ali, em proporções não muito desiguais, se poderia encontrar tanto judeus como gentios. *“Ao judeu, primeiramente”*, era conforme o preceito divino; e, posto que sua própria nação rejeitou a graça de Deus, eis aqui, se voltaram aos gentios, com um resultado manifestado imediatamente que os alegrou grandemente, pois os gentios ouviram com regozijo, e glorificavam a Palavra do Senhor.

Conforme sigam as diversas viagens do apóstolo Paulo, verão que o curso foi sempre pelo Norte, ou, melhor, em uma direção noroeste, e assim as novas do Evangelho prosseguiram sua viagem até que a Igreja dos redimidos encontrou um ponto central em nossa ilha grandemente favorecida¹.

Parece que ouço que alguns de vocês dizem: “Não somos antiquários de suficiente calibre para apreciar a companhia de vocês dois, veneráveis acompanhantes”. Bem, então, amados, os três companheiros que seguem serão tomados dentre vocês e pode ser

¹ O cristianismo chegou na Grã Bretanha entre o século II e III, acredita-se que por mercadores vindos de do império romano e refugiados cristãos das perseguições romanas no Continente.

que descubram seus próprios pensamentos expressados nos esboços que estou a ponto de acrescentar.

III. O seguinte, na ordem, é o PECADOR DESPERTO

Vem aqui, irmã minha, me agrada ver você, e vou desfrutar muito de sua companhia em nosso caminho a Belém. Por que retrocede? Não tenha medo. Não há nada aqui que deva te aterrorizar. Entra, entra. Com trêmulo receio, minha irmã avança até a toska manjedoura em que se encontra o Menino. Parece que tem medo de alegrar-se, e está muitíssimo assombrada consigo mesma por não ter desmaiado. Me pergunta: “E acaso, senhor, é este, real e verdadeiramente, *o grande mistério da piedade? Acaso contemplo eu, nesta manjedoura “Deus manifestado na carne”?* Eu esperava ver algo muito diferente”. Olhando seu rosto, compreendi claramente que ela dificilmente podia acreditar devido ao gozo. Esta trêmula penitente é uma visitante humilde, ainda que cativante, do lugar do nascimento do meu Senhor. Eu desejaria ter esta noite muitas mais pessoas como ela nesta congregação. Vocês veriam como o mistério se dissolve em misericórdia. Nenhuma espada inflamada que se agita por todos os lados obstrui sua entrada; nenhum boleto de admissão é requerido por um insolente criado na porta; não se mostra nenhum favor por cargos ou títulos especiais; podem entrar livremente para ver ao mais nobre Menino nascido de mulher, na mais humilde cama em que um infante esteve aninhado. Nem sequer uma visível tiara de luz circunda Sua face. É muito humilde, isso eu asseguro a vocês, para ser descrito pela imaginação do poeta, ou retratado pelo pincel do artista: como filho de pobre, está envolto em fraldas e é embalado em uma manjedoura. Se requer fé para crer no que o olho do sentido jamais poderia discernir, quando se olha para o “Príncipe da vida” com tão humilde aspecto.

IV. Meu quarto acompanhante é UM JOVEM CRENTE.

Bem, irmão meu, você e eu juntos temos, frequentemente, uma doce comunhão relacionada com as coisas do reino; “*vamos, pois, até Belém, e vejamos isto que aconteceu, e que o Senhor nos manifestou*”. Vejo a sagrada jovialidade no rosto do meu jovem amigo conforme se aproxima do mistério encarnado. Com frequência lhe escutei discutir sobre curiosas sutilezas doutrinárias; mas agora, com serenidade de espírito, fita o rosto do Divino Menino, e diz: “A verdade brotou da terra, pois uma mulher deu a luz a seu Filho; e a justiça olhou a partir do céu, pois Deus, na verdade, foi revelado neste Menino”. Vê o pequeno Menino tão

ansiosamente como se um fresco manancial de santa gratidão tivesse se aberto em seu coração. “Aqui não há visão, nem imaginação, nem mito” – afirma – “mas uma participação real de nossa carne e de nosso sangue; Ele não assumiu a natureza dos anjos, mas a natureza da semente de Abraão. O céu e a Terra se uniram para fazer de nós bem-aventurados. A força e a debilidade deram-se as mãos aqui!”

Dá uma pausa para adorar, e logo fala de novo: “em que tabernáculo tão pequeno, fraco e delicado te dignas a morar agora, oh glorioso Deus! Na verdade, a misericórdia e a verdade se encontraram aqui, e a justiça e a paz se beijaram. Oh Jesus, Salvador, Tu és a própria misericórdia, a cativante misericórdia de nosso Deus está encarnada em Ti. Tu és a Verdade, a mesma Verdade que os profetas almejavam ver, a qual os anjos desejam olhar, a Verdade que minha alma buscou por tanto tempo, mas que não podia encontrar até que contemplei Tua face. Uma vez pensei que a Verdade estava oculta em algum profundo tratado ou em algum douto livro, mas agora sei que é revelada em Ti, oh, Jesus, meu parente, e, sem dúvida, igual ao Teu Pai! E, doce Menino, Tu és também a justiça, a única justiça que Deus pode aceitar. Que condescendência, e que paciência! Ah, amado Menino, quão quieto você fica! Me surpreende que, consciente de Teu divino poder, possa suportar dessa maneira as fastidiosas e prolongadas horas da infância com uma humildade tão diferente, tão extraordinária! Creio que, se estivesse ao meu lado, e tivesse me cuidado, esse teria sido um serviço que poderia muito bem admirar; mas, sobrepassa qualquer esforço da imaginação, dar-se conta do que será para Ti ser tão fraco, tão desvalido, tão necessitado de ser alimentado e cuidado por uma mãe terrena. Que o Admirável, o Deus Forte, se humilhe desta maneira é profunda humildade!”

Assim falou o jovem crente e gostei muito do seu discurso, pois pude ver nele como a fé obrava por amor e como o fim da controvérsia e do argumento é alcançado em Belém, pois “*indiscutivelmente, grande é o mistério da piedade: Deus foi manifestado em carne*”.

V. Agora vou a Belém na companhia de UM CRISTÃO MADURO, tal como era Paulo, o ancião, ou João, o teólogo; não, melhor, o farei com algum cristão que eu encontrar no círculo de membros de minha igreja.

Tranquilo, pacífico e benigno, parecia que seu treinamento na escola de Cristo e a sagrada unção do Espírito Santo lhe tivessem

transformado num menino, conforme seu caráter fica maduro e sua idoneidade para o reino dos céus se torna mais aparente. As lágrimas resplandeciam nos olhos do ancião no momento de olhar com ternura expressiva para esse “*Menino de dias eternos*”. Não falou muito, e o que disse não foi exatamente igual ao que qualquer outro dos meus acompanhantes tinham falado. Seu comportamento consistia em citar breves frases da Palavra de Deus, com grande exatidão. As expressava lentamente, as ponderava profundamente, e havia abundante unção espiritual no modo com o qual falava. Vou apenas mencionar algumas das úteis frases que expressou:

Primeiro disse: ‘Ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu; *o Filho do Homem, que está no céu*’; e realmente dava a impressão de que podia ver mais do que eu jamais havia visto naquela passagem; Jesus, o filho do homem, que estava no céu inclusive quando estava na Terra! Logo olhou o Menino e disse: “*Este era no princípio com Deus*”. Depois disso, expressou estas três breves frases sucessivamente: “*No princípio era o Verbo*”; “*Todas as coisas por Ele foram feitas*”; “*E aquele Verbo foi feito carne*”. Parecia como se ele se desse conta da grandeza do mistério de que Nosso Senhor Jesus teria feito primeiro todas as coisas, e posteriormente Ele mesmo “*foi feito carne*”. Logo, reverentemente, dobrou seu joelho, juntou suas mãos e exclamou: “*o dom de meu Pai, Vede quão grande amor!*”.

Ao nos retirarmos daquela manjedoura e daquele estábulo, esse ancião cristão põe sua mão em meu ombro e diz: “jovem amigo, fui a Belém muitas vezes; era um de meus lugares favoritos antes de você nascer, e aprendi uma doce lição ali que gostaria de lhe transmitir: o Infinito se tornou finito; o Todo Poderoso consentiu em tornar-se fraco; Aquele que sustentou todas as coisas pela palavra de Seu poder, se tornou indefeso voluntariamente; Aquele cuja palavra deu existência a todos os mundos, renunciou por um tempo, inclusive, ao poder da fala. Em todas estas coisas, Ele cumpriu a vontade de Seu Pai; assim, não tenha medo, nem se surpreenda com nenhum assombro se for tratado de igual maneira, pois Seu Pai também é seu Pai. Você, que desfrutou nos antigos convênios do pacto eterno, poderia ter que depender debilmente das misericórdias da hora. Você se recostou sobre o peito do seu Salvador em Sua mesa; mas no momento presente poderia ser tão fraco que deveria depender da atenção de uma mulher. Sua língua foi tocada como um carvão proveniente do altar celestial, mas seus lábios podem ser selados ainda como os de uma criança. Se caísse ainda mais profundamente na humilhação, nunca alcançaria a profundidade a

qual desceu Jesus nesse ato único de condescendência”. “Certo, certo” – respondi – “o irmão que é jovem apontou a maravilhosa condescendência do Filho de Deus; você me explicou ela mais plenamente”.

Então, desta maneira, amados, me esforcei para cumprir meu propósito de ir a Belém com cinco acompanhantes diferentes, sendo todos eles pessoas representativas. Ai! É lamentável que alguns de vocês não estejam representados por algum destes personagens! “Não os comove ver quantos passam pelo caminho?” Não lhes importa esta bendita natividade, que marcou desde tempos antigos “*o cumprimento do tempo*”? Se morrerem sem o conhecimento deste mistério, suas vidas serão um terrível oco, e sua porção eterna será verdadeiramente terrível.

VI. Prestem sua mais solícita atenção por um pouco mais de tempo, enquanto tento mudar a linha da meditação. Poderia agradar a Deus que, enquanto procuro CONDUZIR UMA FAMÍLIA INTEIRA A BELÉM, alguns corações que até aqui resistiram a todos os meus chamados, possam ainda se render ao Senhor Jesus Cristo.

Um quadro familiar servirá ao meu propósito. Imaginem que hoje é a noite prévia do dia de Natal, e que um pai cristão tem toda a sua família reunida junto a ele em torno da luz da chaminé. Desejoso de combinar a instrução com o prazer, propõe que o tema da conversação seja “o nascimento de Cristo”, e que cada um dos meninos diga algo a respeito, e que ele pregará um breve sermão sobre cada uma de suas observações. Convida Maria – a empregada – a entrar no aposento, e quando todos estão confortavelmente sentados, começam.

(1) Depois de um simples esboço dos fatos, o pai se volta a seu filho menor e pergunta: “o que você tem que dizer, Memito?” O menininho, que é apenas suficientemente grande para assistir a escola dominical, repete duas linhas que aprendeu a cantar ali, e que muitos de vocês, sem dúvida, conhecem:

***“Jesus Cristo, meu Senhor e Salvador,
Uma vez se fez menino como eu”***

“Bem, meu querido filho” – lhe disse o pai – “uma vez se tornou um menino como eu”. Sim, Jesus nasceu no mundo como nascem os outros bebês. Ele era tão pequeno, tão delicado, tão fraco, como as outras crianças e precisou ser alimentado igual a eles.

***“O Deus Todo Poderoso se fez homem,
Um bebê igual aos outros que vemos:
Tão pequeno em tamanho e fraco de corpo,
Como sempre foram os bebês”***

***“A partir dali cresceu e foi um infante dócil,
A passos suaves e normais;
Logo se tornou uma criança maior,
Sentado no colo de Maria”***

***“Inicialmente carregado por falta de forças,
Com o tempo correu só;
Logo chegou a ser moço, um adolescente; logo,
Um jovem; por fim, um homem.”***

É incorreto pintar quadros do menino Jesus, e logo dizer que são como Ele. Os ídólatras perversos fazem isso. Mas bem, devemos pensar de Jesus Cristo como feito em tudo semelhante aos Seus irmãos. Nunca houve algo no qual não fosse semelhante a nós, exceto que Ele não tinha pecado. Ele costumava comer, beber, dormir, e despertava, ria, gritava, e era carinhoso com Sua mãe, igual ao que fazem outros meninos. Assim está muito bom que diga, Memito: *“uma vez se fez menino como eu”*.

(2) “Agora, João” – disse o pai – dirigindo-se a um filho um pouco maior – “você, o que tem que dizer?” “Bem, papai”, disse João, “se Jesus Cristo foi igual a gente em algumas coisas, não creio que teve tantas comodidades como nós; não teria um quarto de jogos tão bonito, nem uma cama tão cômoda. Acaso não era incomodado por cavalos, e vacas e camelos? Me parece chocante ele necessitar ter vivido em um estábulo”.

“Essa é uma observação muito apropriada, João”, lhe respondeu seu pai. “Todos nós devemos considerar como nosso Senhor compartilhou sua vida com os pobres. Quando esses magos vieram do Oriente, me atrevera a dizer que ficaram surpresos, primeiro, ao descobrir que Jesus era o filho de um homem pobre; sem dúvida, se prostraram e adoraram, e abrindo seus tesouros, lhe ofereceram presentes muito caros: ouro, incenso e mirra. Ah! E quando o Filho de Deus se humilhou do céu à terra, deixou para trás os esplendorosos palácios dos reis e os salões de mármore dos opulentos e nobres, e estabeleceu Sua moradia nos alojamentos da pobreza. Ainda assim, Ele era *“nascido Rei dos Judeus”*. Agora,

João, você leu alguma vez sobre algum filho que nasceu rei? Nunca o fez, claro; os filhos nascem sendo príncipes, e herdeiros do trono, mas ninguém, fora Jesus, nasceu sendo rei.

A pobreza das circunstâncias do nosso Salvador é como um contraste que realça a gloriosa dignidade de Sua pessoa. Vocês leram sobre alguns reis bons como Davi, Ezequias e Josias; sem dúvida se não tivessem sido reis, nunca saberíamos da existência deles; mas aconteceu algo muito diferente com Jesus Cristo. Ele possuía uma maior grandeza verdadeira nesse estábulo que a que teria possuído qualquer outro rei em um palácio; mas não imaginem que somente em Sua meninice foi o Parente do pobre. Quando cresceu e chegou a ser um homem, disse: *“As raposas têm tocas, e as aves do céu, ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde recostar a cabeça”*.

Sabem, filhos meus, que nossos consolos foram comprados com o preço do Seu sofrimento? *“Fez-se pobre sendo rico, para que vós com sua pobreza fossem enriquecidos”*. Portanto, devemos dar graças e louvar ao bendito Jesus cada vez que recordemos que Ele estava neste mundo em uma condição pior que a que nos encontramos hoje.

(3) “Agora é a sua vez” – disse o pai olhando a sua filhinha, uma menina inteligente, que apenas começava a ser de alguma ajuda para sua mãe no desempenho dos deveres domésticos cotidianos. Pobre menina; ao ouvir isto, inclinou modestamente sua cabeça, pois lembrou, justo ali, quão frequentemente os pequenos atos de descuido a haviam exposto às fiéis, mas ternas, repreensões dos seus pais. Por fim disse: “Oh, pai, quão bom foi Jesus Cristo! Ele nunca fez algo mal”. Muito certo, meu amor”, lhe respondeu o pai. “Isso que você comentou é um doce tema para a meditação. Sua natureza foi sem pecado, Seus pensamentos eram puros, Seu coração era transparente, e todas as Suas ações foram justas e retas. Vocês leram a respeito das ovelhas que Moisés ordenou na Lei que fossem oferecidas em sacrifício a Deus. Todas deveriam estar livres de mancha e defeito; e se tivesse a menor mancha de impureza no menino que nasceu de Maria, não teria podido nunca ser nosso Salvador.

Algumas vezes nos vêm pensamentos perversos e ninguém sabe, apenas Deus; e, algumas vezes, fazemos o que é mau, ainda que ninguém descubra. Não aconteceu assim com o manso e humilde Salvador; Ele nunca teve nem sequer uma imperfeição. Na lei de Jeová estava Sua delícia e em Sua lei meditava dia e noite.

Ainda quando não cometemos nenhum pecado positivo, frequentemente esquecemos de cumprir com nosso dever; mas Jesus nunca fez isso. Era como *árvore plantada junto a correntes de águas, que dá seu fruto em seu tempo*. Não frustrou jamais alguma esperança que tenha sido depositada Nele.”

“Até aqui” – disse o pai – “tivemos já três belos pensamentos: Jesus Cristo tomou nossa natureza, condescendeu em ser muito pobre e era sem pecado.”

(4) No local se encontrava também um garoto maior que acabava de voltar do colégio interno para passar as férias de Natal em casa. Então seu pai se dirigiu a este filho e disse: “Fred, devemos prosseguir ouvindo seu comentário”. Muito breve, mas muito significativa foi a resposta de Fred: “Esse Menino tinha uma mente maravilhosa”.

“É verdade, tinha” – disse o pai – “e seria muito bom que houvesse em todos nós este sentir que houve também em Cristo Jesus. Sua mente era infinita, pois participou nos eternos conselhos de Deus. Mas eu preferiria sugerir-lhes outra linha de pensamento: *“Nele estava a luz”*. A mente de Jesus era como a luz por sua claridade e pureza. Nós vemos com frequência as coisas através de um meio distorcido; formamos impressões errôneas e nos custa bastante corrigi-las; mas Jesus era de um rápido entendimento para discernir entre o bem e o mal. Sua mente não se viu nunca influenciada pelo preconceito; via as coisas tal como são. Nunca teve que pedir emprestado os olhos de outras pessoas e nunca as ideias encubadas no cérebro de outras pessoas guiaram Seu juízo. Tinha luz em Si mesmo, e essa luz era a vida dos homens, pelo que foi capaz sempre de instruir os ignorantes e guiar seus pés nos caminhos da paz. De igual maneira, Seu coração era puro, e isso tem mais a ver com o desenvolvimento da mente, e o melhoramento do entendimento, do que estamos inclinados a supor. Nenhuma imaginação corrupta obscureceu jamais Sua visão. Sempre estava em harmonia com Deus, e sempre sentiu boa vontade para com o homem. Bem disse, Fred, que Jesus possuía uma mente maravilhosa”.

(5) Depois de cada um dos filhos ter feito uma observação, o pai se dirigiu, em continuação, a Maria, a serva. “Não seja tímida” – lhe disse – “e diga o que pensa, compartilhe conosco o seu pensamento”. “Somente pensava, senhor” – disse Maria – “quão humilde da parte do Senhor foi assumir a forma de um servo”.

“Certo, Maria, muito certo; e sempre é muito útil considerar como Jesus se rebaixou a nosso humilde estado. Deveríamos nos reconciliar com qualquer “porção” que Jesus tenha escolhido voluntariamente para Si mesmo. Mas há algo mais em seu comentário que é aplicável a Belém e à natividade, do que você, talvez, tenha imaginado; pois, de acordo com o relato que fez o doutor Kitto sobre a pousada, o *caravanseraï*, a sagrada família ocupava o lugar dos servos. Imaginem agora uma construção quadrada de paredes altas e sólidas, construídas com tijolos sobre uma base de pedra, com um grande arco na entrada. Estas paredes cercam um grande espaço aberto com um poço no meio dessa área. No centro há um pátio interior, que contém uma plataforma levantada, coberta em seus quatro lados por fileiras de *portais*, e logo, na parede traseira, há umas portas pequenas que conduzem a diminutas celas que constituíam os alojamentos. Assim, podemos supor que era a “hospedaria” na qual “não havia lugar” para Maria e José.

Agora vamos fazer uma descrição do estábulo. Está composto por uma avenida coberta que corre entre a parede traseira dos quartos da pousada e a parede exterior de todo o edifício; assim, está no mesmo nível do pátio, e um metro aproximadamente por debaixo da plataforma suspensa. As paredes laterais do quadrângulo interior, ao projetar-se por trás até o pátio, formam nichos ou manjedouras, que os servos e os muleiros usavam para se proteger do mal clima. Nos dá a impressão que José e Maria encontraram um refúgio em um desses nichos. Se supõe que ali nasceu o menino Jesus; e se assim foi, quão literalmente certo é que tomou a forma de servo, e ocupou a habitação dos servos!”

(6) Uma vez mais o pai buscou um texto fresco e, olhando para sua esposa, disse: “querida, você adotou um tranquilo interesse em nossas conversas esta noite; vamos ouvir agora a sua reflexão. Estou certo de que você pode dizer algo que nos agradará escutar”. A mãe se via absorta no pensamento, e dava a impressão que tinha diante dela um quadro vívido da cena completa, e seus olhos se iluminaram como se na realidade pudesse ver o amado Menino na manjedoura. Falou com muita naturalidade e o fez maternalmente. “Que Menino tão formoso!” E, sem dúvida, acrescentou com um profundo suspiro – “Ele, que é assim mais belo em Seu berço que os filhos dos homens, depois de uns poucos anos, estava tão tomado de ansiedade, sofrimento e angústia, que seu parecer foi desfigurado mais que o de qualquer outro homem, e sua beleza mais que as dos filhos dos homens”.

Uma melancólica tristeza se deslizou no semblante de cada um enquanto aquela piedosa mãe compartilhava suas reflexões. A ternura da mulher parecia ser santificada pela graça divina em seu coração para produzir sua mais rica fragrância. O pai de imediato rompeu a quietude quando disse: “Ah, amada minha, você disse o melhor! Seu coração estava quebrantado com a crítica; esse humilde nascimento não era senão o prelúdio de uma vida ainda mais humilde e de uma morte ainda mais humilhante. Seu sentimento, meu amor, é uma evidência extremamente preciosa de sua íntima relação com Ele.

**“Um amigo fiel participa da dor
Mas não pode ter nenhuma união
Entre um coração que se derrete como a cera
E corações tão duros como a pedra;
Entre uma cabeça que verte sangue
E membros incólumes e sãos,
Entre um Deus agonizante
E uma alma que não sente.”**

(7) “Para concluir agora” – disse o pai, olhando ao seu redor e percorrendo com uma expressão animada os membros de sua família – “eu suponho que vocês esperam algumas palavras de minha parte. Por mais que tenham gostado das observações de sua mãe, penso que não seria correto, em um dia tão propício como este, terminar com um tom melancólico e triste. Vocês sabem que os pais são geralmente muito precavidos acerca das perspectivas dos seus filhos. Eu posso olhá-los, meninos, e pensar, “não hão de se importar se tiverem algumas dificuldades, contanto que possam se esforçar exitosamente frente a elas”. Bem, agora, fiquei imaginando a manjedoura, o Menino que estava deitado ali, e, Maria, Sua mãe, vigiando amorosamente; direi o que eu pensava. Essas mãozinhas tomarão um dia o cetro do império universal; esses bracinhos lutarão mão a mão com o monstro chamado “morte”, e o destruirão; esses diminutos pés pisarão o pescoço da serpente, e esmagarão a cabeça desse antigo enganador; sim, e essa pequena língua, que ainda não aprendeu a articular palavra, derramará, em breve, tais arroubos de eloquência provenientes de Seus lábios, que fertilizarão as mentes de toda a raça humana, e infundirão Seus ensinamentos na literatura do mundo; e depois de um breve tempo, essa língua pronunciará os juízos do céu sobre os destinos de toda a humanidade. Todos nós temos considerado que é maravilhoso que o Deus da glória tenha se humilhado tanto; mas um dia

consideraremos que o mais maravilhoso é que o Varão das dores seja exaltado muito acima. A terra não pôde encontrar um lugar tão baixo para Ele; o céu dificilmente encontrará um lugar suficientemente sublime para Ele.

Então, resta por dizer apenas isto acerca de Jesus Cristo: Ele é “*o mesmo ontem, hoje e sempre*”. Nós podemos mudar com as circunstâncias, mas Jesus nunca o fez nem nunca o fará. Quando o olhamos na manjedoura, podemos dizer: “*Ele é o Admirável, o Conselheiro, o Deus forte*”. E quando lhe vemos exaltado à destra de Seu Pai, poderemos exclamar: “*Eis aqui o Homem!*”

***“Ainda tem Seu coração humano,
Ainda está entronizado na mais excelsa bem
aventurança,
Sente as dores de cada membro tentado,
Pois nossa aflição é a Sua”***

Assim concluo a série de observações feitas por vários membros de uma família cristã em torno da chaminé no tempo de Natal. O Pai disse que era tempo de retirar-se e deu a todos boa noite; tal como disse o pai, assim digo eu: “boa noite, e que o Senhor abençoe a todos!” Amém.

ORE PARA QUE O ESPÍRITO SANTO USE ESSE SERMÃO PARA EDIFICAÇÃO DE MUITOS E SALVAÇÃO DE PECADORES.

FONTE:

Traduzido de <http://www.spurgeon.com.mx/sermon2915.html>

Todo direito de tradução protegido por lei internacional de domínio público e com autorização do Sr. Allan Román
Sermão nº 2915— *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*

Tradução: Ana Rachel Gondim

Revisão: Fábio José Silva Rodolpho

Capa: Armando Marcos



Projeto Castelo Forte

www.projetocasteloforte.com.br

Você tem permissão de livre uso desse material, e é incentivado a distribuí-lo, desde que sem alteração do conteúdo, em parte ou em todo, em qualquer formato: em blogs e sites, ou distribuidores, pede-se somente que cite o site “Projeto Castelo Forte” como fonte, bem como o link do site www.projetocasteloforte.com.br. Caso você tenha encontrado esse arquivo em sites de downloads de livros, não se preocupe se é legal ou ilegal, nosso material é para livre uso para divulgação de Cristo e do Evangelho, por qualquer meio adquirido, exceto por venda. É vedada a venda desse material



**SAIBA MAIS SOBRE C.H.SPURGEON EM:
Projeto Spurgeon - Proclamando a CRISTO
crucificado.**

www.projetospurgeon.com.br